



RELAÇÕES DE GÊNERO E O HABITAT URBANO

Claudia Andrade Vieira¹

Introdução

Memorialistas, intelectuais, poetas, fotógrafos, artistas de um modo geral deixaram o registro da sua leitura sobre a cidade do Salvador ao longo do século XX. Parece uma regra, e ainda hoje é possível constatar, *os olhares de amantes saudosos*. Poetas escreveram que *terra mais linda não há, que ela radia magia, é a cidade dos feitiços e da fé, é a terra do Nosso Senhor, do Nosso Senhor do Bonfim*, e onde todo o mundo é *filho d'Oxum*. Sobre a Bahia, muito se escreveu, muito se disse, muito se expressou imagetivamente. Buscamos os autores: homens. A cidade é um espaço sexuado.

A lente colorida que realça os atrativos dessa terra, também disfarça suas contradições. O espaço urbano oculta regras que correspondem à estrutura de poderes nas relações que regem nossa sociedade. Os testemunhos analisados – memórias, produções textuais e imagens fotográficas da época – revelam barreiras invisíveis delimitando, com efeito, os espaços de uso das mulheres, que podem variar se articulados a classe social e raça.

As preocupações que envolvem as relações de gênero e o habitat urbano surgiram a partir do contato com depoimentos femininos que desvelam alguns dos obstáculos enfrentados pelas mulheres das elites na sua relação com a cidade. A proposta, neste evento, é apresentar a análise inicial que vem se desenvolvendo dos testemunhos na localização das mulheres no espaço público, particularmente, na região central de Salvador, décadas 1930-1940. O trabalho integra a pesquisa de doutorado *O Gênero na Cidade*, cujo objetivo mais amplo é analisar a relação das mulheres com a cidade do Salvador, Bahia.

As mulheres no contexto urbano

A Rua Chile, nas primeiras décadas do século XX, era considerada o ponto *chic* da cidade e centro cultural. Local onde se concentrava o comércio de artigos de luxo para o uso pessoal e decoração, serviços como restaurantes, um hotel, escritórios e consultórios de profissionais liberais.

¹ Professora da UNEB, Doutoranda do PPGNEIM/UFBA. E-mail: candradev@uol.com.br



Todas as atividades estavam voltadas para uma clientela da elite econômica que se dirigiam àquele espaço, não apenas com o intuito de fazer compras ou utilizar algum serviço, mas para conversar, encontrar amigos, namorar, se divertir².

Esse espaço foi palco de transformação nos hábitos de mulheres das elites, ou seja, o de fazer compras. Entre os motivos apontados para o novo hábito, estão: a lenta desintegração do costume de reclusão; o embelezamento da Rua Chile e a abertura de lojas que, pelas suas vitrines, atraíam consumidores; o medo de desabastecimento de mercadorias, no contexto da Primeira Guerra Mundial. Seria uma realidade semelhante à observada por PERROT³ em Paris, segundo a qual, na *esfera da mercadoria, a mulher seria soberana?*

Em Salvador, o comércio também atraiu um seletivo grupo de moças e senhoras que faziam da ida às compras um momento de descontração. No Império, mulheres das elites realizavam suas compras através de catálogos, ou então por solicitações aos amigos e parentes que viajavam. A moda era acompanhada através das revistas especializadas. Estes recursos vão perdendo força, tornando-se raro com o crescimento do comércio urbano. Longe das vistas de seus familiares, as mulheres conquistavam o direito de escolher, elas mesmas, os tecidos e os modelos dos seus trajes, os seus adornos e objetos pessoais⁴.

Além da Rua Chile, a Avenida Sete também se constitui importante área de comércio de produtos destinados às mulheres das elites, como por exemplo, na *La Renommé*, loja de chapéus e moda para moças e senhoras. Na *Maison Moderne*, no Portão da Piedade, Madame Barbieri anunciava chapéus, *tailleurs*, *manteaux*, bolsas, grampos, fazendas, leques, perfumes, *lingeries*, *deshabillés*, que prometiam tornar as mulheres mais atraentes⁵.

As elites locais se deslocavam dos bairros tradicionais do centro para o Sul (Canela, Vitória, Barra), a classe média nos bairros da segunda linha de cumeadas (Nazaré, Barris, Barbalho etc.) e Península de Itapagipe, enquanto os mais pobres iam adensando ao Norte, (Liberdade, São Caetano). Novos elementos vão sendo introduzidos na transformação urbana, sobretudo voltados para as condições de salubridade (higiene), constituição dos serviços urbanos, com ênfase nos

² VIANNA, Hildegardes. A rua Chile. *A Tarde*. Salvador, 18 set. 1989; O aniversário da Rua Chile. *A Tarde*. Salvador, 13 jul. 1992; A visita dos chilenos. *A Tarde*. Salvador, 25 set. 1989.

³ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p.179.

⁴ LEITE, Márcia M. B. *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. Salvador, Programa de Pós-Graduação em História, UFBA, 1997. (Dissertação de Mestrado) p. 144-146.

⁵ *Ibidem*. p. 140.



transportes coletivos. A “fluidez” do tráfego torna-se uma preocupação, assim como o traçado e a “regularização” das ruas, ainda estreitas e acanhadas (herança do período colonial)⁶.

Após o período considerado crítico nas alterações da cidade (1912-1930), o novo contexto urbano parece apresentar um número maior de estímulos que incitava as mulheres das elites a usufruírem do espaço público e, paralelamente, novas aspirações e limites emergiam. O espaço da rua é repartido de forma desigual, pois locais, horários circunscritos e acompanhantes regem a presença da mulher na cidade com códigos morais rígidos. Por outro lado, se constroem identidades coletivas e se estabelecem sociabilidades exclusivamente masculinas⁷.

Empenhados na construção de uma imagem positiva da cidade, seus administradores acreditavam que o modo de se enfrentar os problemas de insalubridade e má conservação do centro urbano era definir ações estratégicas que estimulassem as novas aspirações de civilização absorvidas dos modelos europeus, entre as quais a frequência a cinemas, teatros e casas de diversão, práticas esportivas e de consumo, promovendo outro tipo de sociabilidade entre os seus habitantes, fundados em idéias modernas, em novos comportamentos e práticas sociais.⁸

A fotografia vem sendo explorada como testemunho histórico. Esse importante instrumento de pesquisa tem auxiliado no resgate da memória visual da relação de homens e mulheres com o espaço urbano. Inúmeras imagens demonstram como a Rua Chile e a Avenida Sete se tornaram áreas privilegiadas, não só pelo comércio de produtos voltados para um público feminino mais exigente, mas também, pelas alternativas de lazer oferecidas nas atrações musicais da Associação dos Empregados do Comércio, no Club Caixeiral, no Cinema Ideal, Cinema Olympia e no Polytheama, além do refinado “Ponto Chic”⁹.

Em outra vertente, FERREIRA FILHO¹⁰ reconstrói o universo do trabalho de mulheres negras e mestiças no espaço urbano e evidencia contradições produzidas a partir do confronto entre vários padrões de sociabilidades postos em circulação na sociedade e a(s) ideologia(s) higiênica(s) das elites letradas. Demonstra que a abolição da escravatura e o advento da República trouxeram poucas mudanças para a vida das mulheres pobres baianas até a década de 1940. Elas criavam

⁶ SAMPAIO, Antônio H. *Formas urbanas: cidade real & cidade ideal* contribuição ao estudo urbanístico de Salvador. Salvador: Quarteto Editora; PPG/AU, Faculdade de Arquitetura da UFBA, 1999. p. 85-86.

⁷ ARAUJO, Anete R. C. *Espaço privado moderno e relações sociais de gênero em Salvador: 1930 – 1949*. Salvador, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFBA, 2004. (Tese de Doutorado) p. 56.

⁸ *Ibidem.*, p. 116.

⁹ O *Ponto Chic* era um misto de pastelaria e bar-café com algum refinamento no serviço e na decoração e música ao vivo. Funcionando desde 1917, estabeleceu seu famoso chá das cinco, onde “moços gentis e senhorinhas acompanhavam a vida intelectual da cidade”. Ver: ARAUJO, 2004, p. 123.

¹⁰ FERREIRA FILHO, Alberto H. *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.



alternativas ocupacionais e realizavam variados tipos de serviços para o sustento da prole, o que lhes possibilitavam certa autonomia financeira. Além disso, a presença constante dessas mulheres no espaço público indica que as barreiras entre o público e o privado são sinuosas, visto que, investidas do seu papel doméstico, muitas delas se encontravam nas ruas.

Mas as mudanças no comportamento feminino desse universo de mulheres parecem ter ocorrido lentamente. A antropóloga Ruth Landes, ao chegar à Bahia em 1939 para desenvolver seu trabalho de pesquisa sobre questões raciais, encontrou dificuldades para se alojar e circular livremente pela cidade pois *naquela terra, onde a tradição trancava as mulheres solteiras em casa ou as lançava à sarjeta, eu teria sido incapaz de me locomover, a menos que escoltada por um homem de boa reputação*¹¹. Paradoxalmente, a pesquisadora defendeu a existência de uma cultura matriarcal em Salvador, por encontrar uma presença marcante de mulheres das camadas populares nas ruas, controlando os mercados públicos e as sociedades religiosas. As mulheres apresentadas por Landes, entretanto, possuem uma realidade muito distinta das que aparecem nos discursos da imprensa de um modo geral no seu exaustivo trabalho em normatizar o comportamento feminino. São mulheres *de pele escura, fortes e grandes, e nada tinham dos modos recatados que a classe alta considera femininos e sedutores*. Era muito comum assumirem sozinhas as responsabilidades pela criação dos filhos, num cotidiano atribulado na luta pela sobrevivência. Excluídas do mercado formal de trabalho e exercendo as tarefas menos qualificadas e mais desvalorizadas, elas constituíam a grande maioria das mulheres do início do século XX¹².

Atividades como a venda de comidas baratas em pequenos estabelecimentos ou como ambulantes, a execução de todo o tipo de serviços domésticos e o artesanato caseiro colocavam-se como mecanismos fundamentais à sobrevivência para um grande número de mulheres pobres em Salvador, num contexto econômico que não oferecia alternativas formais de emprego.

Olhares femininos que percorrem a cidade

É fato que as melhorias na infra-estrutura urbana de Salvador com moderno sistema de iluminação, alargamento de suas ruas, construção de praças e um sistema de transporte nunca experimentado antes – bondes, elevadores e planos inclinados – que facilitava o deslocamento, sobretudo em áreas nobres da Cidade Alta como Centro, Corredor da Vitória e Barra, tornaram a cidade mais atraente para uso e circulação de mulheres das camadas mais abastadas da sociedade

¹¹ LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. 2ª edição. RJ: Ed. UFRJ, 2002. p. 50.

¹² Sobre o cotidiano das mulheres das camadas populares e suas estratégias de sobrevivência, ver: LANDES, 2002; PIERSON, 1971; FERREIRA FILHO, 2003.



soteropolitana. Entretanto, estas mulheres tiveram que enfrentar outro tipo de obstáculo: a resistência de seguimentos mais conservadores da sociedade patriarcal. Como resolver o domínio patriarcal se a base de sua opressão, a “capacidade reprodutiva das mulheres”, continuava obstaculizando-as para o cumprimento de outros papéis em nome de uma suposta “natureza feminina”? De outro modo, como é possível uma sociedade patriarcal construir uma cidade de modo a integrar as demandas femininas ao desenvolvimento com equidade social?

Parte das mulheres investigadas pertencia às camadas sociais mais abastadas e tradicionais da cidade. Formavam uma elite na perspectiva cultural, pelo grau de instrução que possuíam, pelo acesso às informações e atividades sociais que desenvolviam. Alguns dos seus depoimentos analisados, mais parecem desabaços, e partem de segmentos ainda mais restritos, de mulheres que tiveram acesso ao ensino superior e exerceram a profissão escolhida – caso raro em Salvador nos anos 1930. No seu conteúdo, elas expõem as dificuldades encontradas na relação com a cidade: seja para circular por suas ruas, para desenvolverem atividade profissional, ou mesmo de lazer, pois códigos morais rígidos e olhares vigilantes cerceavam os seus movimentos, enquanto, para os homens, o espaço público era familiar.

Uma das mulheres que mais escreveu nos periódicos de Salvador na luta pela cidadania feminina foi Lili Tosta¹³. Feminista, atuante desde sua estada como aluna do curso de Jornalismo na Escola Polytechnica de Londres, ao chegar da Inglaterra em 1919, após nove anos ausente da terra natal, revelou numa entrevista feita pelo jornal *A Tarde*:

Finalmente voltei ao ninho patrio! Triste experiência! Quasi asphyxio!
Durante dois longos annos lutei desesperadamente para me acclimatar, para me adaptar aos preconceitos locais. A cada passo tropeçava num impecilho. Uma luta titânica entre os meus ideais e a desarmonia do meio. Felizes aquelles que nunca conheceram esta qualidade de luta! Mas como para tudo há remedio, consegui equilibrar-me, sendo feminista pratica, dando expansão pratica aos meus ideaes e, ao mesmo tempo, tolerando e respeitando o meio.¹⁴

Essa sensação de encontrar-se num ambiente asfixiante e opressivo parece ter feito parte da realidade de algumas mulheres pertencentes às camadas mais abastadas que almejavam mais liberdade e uma maior participação na vida pública.

Na Introdução da obra *A Cidade das Mulheres*, Landes narra a sua experiência pessoal de chegada à Salvador em 1939, e denunciou alguns obstáculos enfrentados pelas mulheres das elites na sua relação com a cidade, até então menosprezado:

¹³ Lili Tosta foi talvez a liderança da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino que publicou maior número de artigos nos jornais baianos, anos 1930, reivindicando igualdade de direitos, sobretudo, políticos.

¹⁴ A Tribuna Feminista. *A Tarde*, Salvador, 9 abr. 1931. P. 2.



Na Bahia, velhas tradições ganhavam ameaçadora vida diante de mim. Para começar, não havia possibilidade de alojamento ou diversão para uma moça solteira, desacompanhada, sem família e independente.¹⁵

Por outro lado, foram encontrados também discursos menos explícitos, como o artigo publicado no *Diário de Notícias*, em que a advogada Maria Luiza Bittencourt¹⁶ dirige-se a seus pares para dialogar – mulheres das camadas médias e altas da sociedade – e demonstra surpresa e grande satisfação ao chegar do Rio de Janeiro e encontrá-las atuando em diferentes lugares da cidade, como *lojas, escolas, repartições e redações*.

Entre nas lojas, visitei as escolas, percorri as repartições, ingressei nas redações, e por toda a parte encontrei, capaz, culta, respeitada, acatada a minha conterrânea, a minha irmã que trabalha, que estuda, que desempenha funções, que escreve.

Procurei ouvir os que a cercavam, e soube do respeito e da consideração que lhe votam. Procurei ouvi-la e surpreendi a história do milagre da sua vontade, inteligente, aproveitada, apta.(...)¹⁷

Num tom entusiasmado, acreditava ter encontrado um ambiente favorável à sua iniciativa de fundar a filial baiana da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, movimento feminista mais conhecido pela sua principal conquista para as mulheres: a igualdade de direitos políticos. Entretanto, é preciso cautela ao analisar o discurso de Maria Luiza Bittencourt, afinal, havia um claro interesse em envolver o maior número de mulheres nas causas feministas. E quando se refere a uma maior presença feminina no espaço público como “a história do milagre”, indica certa hostilidade do meio diante do comportamento feminino e ao quanto o fato lhe é surpreendente.

Considerações Finais

No momento em que a pesquisa se encontra, seria precipitado qualquer tipo de conclusão. As fontes são lacunares e, de modo geral, produzidas por homens. A bibliografia que vem sendo analisada, juntamente com documentação diversificada permite apenas algumas observações.

As intervenções nas primeiras décadas do século XX, ainda que estivessem longe de transformar Salvador no ideal de modernidade, e que não considerassem os interesses e necessidades do sexo feminino em particular, sobretudo das camadas populares, tornaram a cidade mais atraente para um seletivo grupo de mulheres das elites, o que favoreceu o rompimento com as cadeias do mundo privado passando a circular mais pelas ruas da cidade.

¹⁵ LANDES, 2002, p. 46.

¹⁶ Maria Luiza Bittencourt formou-se em Direito em 1931, aos 21 anos. Exerceu a profissão em escritório próprio, caso raro entre as mulheres da sua época. Assumiu o cargo de Conselheira Jurídica da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF. Foi a primeira deputada baiana com apenas 25 anos de idade.

¹⁷ Bittencourt, M. L. O Feminismo na Bahia. *Diário de Notícias*. Salvador, 26 mar. 1931. P.2.



Contudo, a ocupação das ruas pelas mulheres das elites ocorreu sob códigos precisos. A imprensa feminina das primeiras décadas do século XX alertava para a importância e o sentido da educação na vida de uma moça, pois a realidade assim a exigia.

Ana Alice Costa chama a atenção para a especificidade da atuação feminina na esfera pública por desenvolver atividades análogas às que realizavam na esfera privada. Demonstra como as mulheres, ao incorporar-se no mercado de trabalho tendem a desempenhar atividades que refletem as atividades tradicionalmente realizadas no lar, ou seja, tarefas que, em geral, representam uma projeção social do trabalho doméstico. O mesmo ocorre com a atividade política das mulheres, que tendem a dedicar-se a realizar ações “femininas” com uma forte preocupação maternal. Esse tipo de comportamento pode ser explicado como uma *manifestação dos efeitos da estrutura patriarcal à qual estão submetidas as mulheres e que forjam culturalmente a “ideologia da feminilidade”*. Uma ideologia que determina a maternidade como o elemento constitutivo da identidade cultural e da personalidade feminina¹⁸.

Entre as mulheres das camadas menos favorecidas, a ideologia da feminilidade também se fez presente. Contudo, a relação com a cidade apresentava grande diferenças uma vez que, para elas, o espaço da rua era o da sobrevivência.

A mentalidade senhorial-escravista expressa no arcaísmo das profissões e das atividades produtivas, somadas ao traçado da cidade com suas ruas estreitas, casarios com infra-estrutura sanitária deficiente impingiam uma feição predominantemente colonial à cidade, o que levou a comparações como as de Kátia Mattoso¹⁹ referindo-se à cidade com uma “bela adormecida”, na década de 1950, e as de Ruth Landes, em 1939, que percebeu o velho comportamento costumeiro, que originalmente se desenvolveu em resposta às necessidades coloniais, ainda persistiam orientando a vida dos seus habitantes.

Assim, percebemos as desigualdades traçadas na cidade, ao atender demandas específicas de uma elite econômica da sociedade soteropolitana. Contudo, as novas formas de apropriação do espaço público por parte das mulheres são realizadas sob uma estrutura patriarcal incapaz de pensar a cidade de modo a integrar as diferenças de gênero, no sentido do desenvolvimento com equidade social. A análise das fotografias tem revelado restrições impostas às mulheres no uso e circulação no espaço público, seja das camadas mais abastadas, ou das camadas populares, o que resulta em obstaculizar o desenvolvimento de suas atividades profissionais, conseqüentemente, sua autonomia.

¹⁸ COSTA, A.A.A. *As donas no poder*. Mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA – Assembléia Legislativa da Bahia, 1998. p. 80.

¹⁹ MATTOSO, K. *Bahia, século XIX*. Uma província no Império. RJ: Nova Fronteira, 1992. Ver a Introdução.



Bibliografia

- ARAUJO, A. C. *Espaço privado moderno e relações sociais de gênero em Salvador: 1930 – 1949*. 2004. 326f. Tese. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFBA, Salvador, 2004.
- COSTA, Ana Alice A. *As donas no poder*. Mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA – Assembléia Legislativa da Bahia, 1998.
- FERREIRA FILHO, Alberto H. *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.
- LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- LEITE, Márcia M B. *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. Salvador, Programa de Pós-Graduação em História, UFBA, 1997. (Dissertação de Mestrado)
- MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX*. Uma província no Império. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1992.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia: estudo de contato racial*. 2ª Ed. São Paulo: Nacional, 1971.
- SAMPAIO, Antônio H. *Formas urbanas: cidade real & cidade ideal contribuição ao estudo urbanístico de Salvador*. Salvador: Quarteto Editora; PPG/AU, UFBA, 1999.